

Carta aberta a todos os profissionais da Polícia de Segurança Publica, da Guarda Nacional Republicana e do Corpo da Guarda Prisional.

Saudações a todos os colegas e camaradas.

Primeiramente venho exaltar o trabalho que todos nós fazemos, muitas vezes cansados por causa dos remunerados, muitas vezes sem as condições de trabalho dignas, muitas vezes pondo a nossa própria vida em risco...

Podia continuar a descrever as adversidades com as quais trabalhamos mas não o vou fazer, pois todos nós as sabemos.

Apesar de todas estas adversidades, cumprimos o nosso dever, porque uma coisa ninguém nos consegue tirar: o nosso profissionalismo.

E por andarmos a arrastar inúmeras situações que nos prejudicam, por causa deste nosso próprio profissionalismo, as coisas estão como estão.

Temos inúmeros elementos que estão contra nós:

- o cidadão quando não precisa do nosso auxílio;
- a justiça na forma dos tribunais e dos seus “funcionários”;
- as nossas instituições, onde muitos dos que nos comandam obedecem simplesmente ao poder político, para não perderem as suas chafaricas e regalias, e nós (da terceira categoria, da segunda categoria e até alguns da primeira categoria) somos “paus mandados para toda a obra”, sem haver consideração que estão a comandar pessoas e não números;
- os nossos políticos que nos tratam apenas como uma pedra no sapato e como uma despesa.

Apesar dos quatro pontos que referi acima serem, na minha opinião, os grandes problemas que enfrentamos nos dias de hoje na nossa profissão, primeiramente devemos nos focar em resolver o ultimo ponto.

Sou Agente da PSP, e neste curto espaço de tempo em que sou policia, tenho visto a nossa profissão a ser humilhada pelos nossos políticos. Pior é, ouvir colegas com mais tempo de policia, a dizerem que isto nunca teve tão mal. Muitos dizem: “Sempre foi e será uma profissão ingrata, mas antigamente o ordenado dava para viver. Agora sobrevive-se”.

E é fácil de ver o porquê...

Nos inícios dos anos 2000, o ordenado base de um Agente/Guarda acabado de ser formado, era \pm 100% superior ao ordenado mínimo dessa altura. Em 2011, o mesmo Agente/Guarda acabado de se formar, ganhava de ordenado base \pm 63% a mais que o ordenado mínimo dessa altura. Em 2024, esta diferença vai ser de \pm 17% a mais para o ordenado mínimo.

Face às evidencias, pergunto-me varias vezes como vão ser os próximos anos. Será que estaremos a ganhar o ordenado mínimo? Provavelmente é isso que irá acontecer.

Mas eu RECUSO-ME.

Recuso-me não só por os que já fazem parte destas instituições, mas também por aqueles que virão a fazer parte delas.

E os motivos desta recusa são simples. Apenas irei citar alguns exemplos que me vieram à cabeça, mas existem uma infinidade deles (e sim, eu sei que são fatores inerentes à nossa profissão e por esta razão temos de ser compensados por isso):

- temos menos direitos face ao cidadão comum (ser apartidário, não poder ter nenhuma outra atividade remuneratória, não poder fazer greve, entre outros...);
- temos mais deveres face ao cidadão comum (atuar em caso de situações criminais mesmo não estando de serviço (“ser polícia 24H00 por dia”), trabalhar nas folgas se necessário, entre outros...);
- ao mesmo tempo que somos polícias, temos de ser psicólogos, guias turísticos, mecânicos, carpinteiros,...;
- ao longo dos últimos tempos, termos recebido competências das quais não faziam parte desta profissão, como por exemplo o controlo de fronteiras;
- fazer o trabalho que outras instituições (cans municipais, CPCJ, Segurança Social, entre muitas outras) que não o querem fazer e “chutam a bola” para nós;
- apesar de uma formação que dura menos de um ano, ter de saber lidar com todos os tipos de situações, sejam elas criminais, cíveis, contra-ordenacionais ou apenas “sociais”, e por conseguinte, ter conhecimento sobre o vasto compêndio legislativo que abrange todas estas situações, para não falar que em muitas ocorrências temos de decidir o que fazer em poucos segundos devido aos perigos que põem em causa a nossa segurança e dos nossos colegas, estando esta decisão na corda bamba entre um excelente serviço ou um processo disciplinar e/ou criminal;
- muitas vezes não saber ao que vamos e por isso, ter a nossa vida e/ou integridade física “em jogo”.

E é por este motivo que o salário que um polícia recebe deve ser digno da missão que cumprimos. O grande problema é que para os nossos políticos, um salário digno de uma profissão extremamente perigosa, complexa e desgastante como a nossa, deve ser apenas pouco mais do ordenado mínimo.

E por falar nos que hão de vir, o problema da falta de efetivo é gritante. Só os nossos governantes é que não querem ver isso.

O que deveria ser feito por 10 é feito por 2. E pior, excessos negados e folgas cortadas (basta recordarem o que se passou nas JMJ). Nós não queremos refeições em cantinas, não queremos residir em casas que ficam no interior de Zonas Urbanas Sensíveis, **NÓS NÃO QUEREMOS ESMOLAS.**

Enquanto não aumentarem os nossos vencimentos, ninguém vai querer ingressar nesta profissão. Até porque o Curso Formação de Agentes (CFA) é o único concurso publico que não consegue atingir o numero de candidatos estabelecido.

-“É uma profissão que continua a ser atrativa”-, dizem alguns “entendidos” na matéria.

Se há uns anos, candidatavam-se 20000 para 1000 vagas, nos últimos concursos concorrem 2500 para 1200 vagas, sendo que ingressam 900 e acabam 800. E esta falta de efetivo não é só prejudicial para todos nós, mas para toda a população, inclusive os nossos ente queridos.

Podem inventar todo o tipo de esquemas e artimanhas, mas só com o aumento dos vencimentos é que resolvem a falta de efetivo e tornam esta profissão atrativa.

Não, o dinheiro não é tudo. E não, nós não somos mercenários. Mas o dinheiro é fundamental.

Por mais que um jovem queira ingressar na PSP ou GNR, nos dias que correm, ele não o faz.

E porquê? -”Vinte anos longe de casa, sujeito a ser agredido gravemente ou a levar um tiro e a ganhar pouco mais que o ordenado mínimo?”-

Para isso fica na terra.

Muito se fala em união, que somos pouco unidos e que só irá ser possível fazer algo quando existir essa união.

É verdade.

Mas muitos confundem união com unanimidade. Somos mais de 40 000 pessoas a pensar, todos com ideias, crenças, interesses e opiniões diferentes, nunca haverá unanimidade (basta terem como exemplo a escala de natal/ano novo: uns querem assim, outros querem assado, outros querem cozido, outros não querem...).

Mas agora faço uma pergunta: -"Açam que o vencimento que recebemos é digno e justo, face à profissão que temos e aos tempos que vivemos?". Sendo uma pergunta de resposta fechada, apenas existem duas opções de resposta (Sim ou Não).

Pensem na resposta e de seguida, façam esta pergunta aos colegas e camaradas que vocês conhecem. Aposto que a resposta irá ser unânime.

Está na altura de agarrarmos nesta unanimidade e unirmo-nos contra quem nos despreza à muito tempo.

Na minha visão, só existe uma forma de finalmente nos ouvirem: TEMOS DE NOS UNIR, independentemente se somos azuis ou verdes, do nosso posto, da nossa antiguidade ou da nossa categoria. SOMOS TODOS POLÍCIAS e só todos juntos é que veremos este problema ser resolvido.

Aos colegas do Corpo da Guarda Prisional, que desempenham um papel essencial na sociedade e que muitas vezes são esquecidos, tem toda a minha gratidão e reconhecimento pelo vosso trabalho. Não é fácil obter o devido reconhecimento quando se trabalha nas "sombras". Quando, nos dias de hoje, se fala nos direitos e segurança daqueles que estão a cumprir pena, esquecem-se que são vocês que garantem esses mesmos direitos e essa mesma segurança, e pior, os vossos direitos e a vossa segurança é muitas vezes posta em causa.

Não, eu não me esqueci de vocês. Vocês estão tão atolados na lama quanto nós.

Esta carta que escrevi baseou-se quase exclusivamente à PSP e GNR e por uma razão: eu não conheço a vossa realidade ao ponto de falar sobre ela. Não sou hipócrita, se não sei não falo.

Apenas sei uma coisa que é muito fácil de perceber: os vossos vencimentos são tão degradantes e indignos quanto os da PSP e GNR.

Estamos juntos nesta luta, é hora de rumarmos todos na mesma direção.

Aos elementos das nossas Forças Armadas (da qual tive o privilegio de servir), que infelizmente apenas são lembrados perto da data do 25 de Abril, estão também vocês convidados a juntarem-se a esta luta. Tal como nós, apenas são lembrados quando "dá jeito", e por ser um trabalho que muitas vezes não o vemos ser feito (missões, exercícios, etc.), vocês são apenas "ecos" que de vez em quando são ouvidos.

Mas, ao contrario do que muitos políticos pensam e apregoam, vocês são essenciais numa sociedade democrática, pois são voçes a garantia da segurança externa do nosso belo país, e se, por algum motivo, algo de pior acontecer, vocês são a nossa ultima esperança para que as coisas voltem ao normal.

Quero dizer aos colegas da Polícia Judiciária que ninguém está contra vocês devido à atribuição deste ultimo subsidio ou sobre outro tipo de tratamento desigual que possa ter havido.

Somos todos colegas, com competências diferentes mas com o mesmo objetivo, precisamos todos uns dos outros.

Os nossos governantes usam uma tática simples mas que tem funcionado às mil maravilhas: "dividir para reinar".

Andamos a mandar galhardetes uns aos outros enquanto eles, os nossos políticos, riem-se e gozam com todos nós.

Só nos resta ser superiores a este tratamento do “dividir para reinar” e pararmos de nos atacar. Não somos inimigos ou sequer adversários, somos sim companheiros que trabalham para o mesmo fim.

Em ultimo lugar quero dizer que não tenho nada contra a categoria que nos comanda, muito pelo contrário. Apesar de haver alguns deles que operam com o lema “eu quero, posso, e mando”, a grande maioria não é assim. Não é fácil comandar e decidir sobre certos temas ou assuntos, mas não se esqueçam de uma coisa: vocês comandam Homens e não maquinas, merecemos ser mais respeitados.

BARULHO SILÊNCIOSO

Com esta vigília pretendo que os nossos políticos finalmente ouçam a nossa voz, mas antes de explicar a ação que tomaremos, gostaria de fazer uma pequena introdução.

Introdução

O que vou escrever no próximo paragrafo é mais direcionado para com os sindicatos da PSP:

É com muita pena minha que escrevo as seguintes palavras (atenção, é a minha opinião e de muitos elementos que conheço e não uma verdade absoluta): os nossos INÚMEROS sindicatos apenas servem para que alguns membros desses mesmos sindicatos tenham regalias dentro da instituição. Muitas vezes, quando deveriam de falar não o fazem, pois a cor do partido que governa influencia no que dizem, quando dizem e como dizem. E para mim o mais grave são os nossos INÚMEROS sindicatos preocuparem-se, não com os policias, mas sim com coisas triviais.

Não é uma vitória para um sindicato que o governo adquirira um carro patrulha, é uma obrigação desse governo fazê-lo.

Se não tiver um carro patrulha como meio de me deslocar à ocorrência, vou a pé e demoro 30 minutos em vez de 5.

Se não tiver tinteiro na impressora, não faço expediente.

Se não tiver um colete balístico, não tenho condições de segurança e, por conseguinte, não me desloco à ocorrência que envolve armas de fogo.

Nestas e outras situações em que o material não existe ou não é o mais adequado, quem é que sofre? É o policia? Não.

Quem sofre com as consequência é o cidadão que paga impostos.

O problema dos nossos INÚMEROS sindicatos é que fazem da aquisição deste carro patrulha, deste tinteiro e deste colete uma vitória, quando na realidade apenas é uma vitória para eles e não para nós.

E agora pergunto: -“E nós, os homens e mulheres que servem nesta instituição? Somos menos importantes que o carro patrulha, o tinteiro ou o colete?”- Comunicados e frases bonitas nos jornais não resolvem nada.

Têm de começar a preocupar-se com o que realmente importa, e o que realmente importa somos nós, OS POLÍCIAS.

A nossa situação, metafóricamente falando, é como um carro que está atolado na lama: bem podemos acelerar (“barulho dos sindicatos”) que o carro não sai do sitio (situação atual). E, de tempos a tempos, quando se acelera de forma mais vigorosa (quando os políticos veem que os elementos estão extremamente descontentes), a parte da frente do carro levanta (a primeira categoria ganha uma “dúzia de rebuçados”), enquanto a parte de trás do carro afunda cada vez mais na lama (as outras duas categorias ganham “meio rebuçado”, nas melhores das hipóteses).

Se não nos juntarmos, o que irá acontecer vai ser o seguinte: do bolo que todos nós merecemos, a primeira categoria vai ganhar uma fatia, enquanto as outras duas categorias irão ficar com as migalhas que caírem dessa fatia. O resto do bolo fica para os nossos governantes comerem.

E por não acreditar que, neste momento, os sindicatos (com contestações à base de comunicados, entrevistas e frases bonitas), irão resolver os problemas que realmente importam resolver (basta analisar e fazer uma retrospectiva do (pouquíssimo) que conseguiram nestes últimos anos), só nós, OS POLÍCIAS, podemos resolver esses problemas.

(Não sou contra nenhum sindicato ou mesmo contra o sindicalismo, muito pelo contrário (até sou sindicalizado), acho que é uma “ferramenta” muito importante na defesa dos direitos dos trabalhadores. Mas, pelos vistos, com os policias, esta “ferramenta” não funciona, e isso não é uma opinião, é um facto. Agora as razões do porquê desta “ferramenta” não funcionar, fica na opinião de cada um...).

Muitos de vocês, após lerem o que escrevi, irão pensar que, se o “Movimento 0” não deu em nada, esta vigília também não irá dar em nada.

Bem, não vai ser assim. Se nos unirmos, as coisas vão acontecer...

O “Movimento 0” foi um movimento criado para mostrar, não só aos nossos políticos, mas também a um setor específico da sociedade (tribunal e os seus “funcionários”, é só verem o momento em que este movimento foi criado e pensarem o que foi que aconteceu para despoletar este movimento) que queríamos o reconhecimento devido.

Mas este movimento não deu em nada, e porquê?

É fácil de explicar. Ninguém sabe quem participa ativamente neste movimento, e quem era suposto perceber a mensagem do “Movimento 0” nem sequer a quis perceber, pois as ações do “Movimento 0” não os afeta de forma alguma.

Se não autuarmos, colocam-se radares; se não houver detenções, à menos criminalidade (uma bandeira para alguns),...

“-Eu não vou à procura, mas vou ao que a central radio manda-”. Esta é a razão porque o “Movimento 0” falhou.

Não só por motivos legais mas também pelo nosso enorme profissionalismo, ninguém se vai negar a deslocar a uma ocorrência, isto é um fato e estamos todos unanimemente de acordo.

Por isto as coisas continuaram na mesma: não só as condições económicas deficitárias mas também a forma de tratamento por parte de quem examina as nossas ações (os nossos políticos e agentes da justiça a olharem-nos como “a escoria da sociedade”).

Não tenho nada contra este movimento, muito pelo contrario. Foi mais uma forma para demonstrar o nosso desagrado. E sim, eu ainda sou da “equipa do Movimento 0”, apenas só vou ao que aparece. É preciso mais do que “não ser ativo e apenas ser reativo” pois as coisas irão aparecer feitas.

Mas pergunto-me: “-E se não houver ninguém para ir à ocorrência? E se não houver ninguém na central radio para dar a ocorrência ou mesmo o sentinela para atender o telefone?-”. Aí deixa de existir a tal “reação”.

Percebo as questões que se levantam com o que disse acima (muito pelo nosso excelente profissionalismo) mas pensem comigo: qualquer paralisação de qualquer setor da nossa sociedade afeta a vida do cidadão comum (todos precisamos uns dos outros, é por isso que isto acontece).

Os médicos ou professores, quando fazem fazer valer as suas reivindicações (e muito bem), hospitais ficam extremamente congestionados ou acabam mesmo por encerrar temporariamente e os estabelecimentos de ensino fecham, não havendo aulas. Alguém, da classe política ou sociedade em geral, culpa os médicos por estes congestionamentos ou encerramentos? Não, ou melhor, eu nunca ouvi ninguém os culpar.

Mas se nós, os policias, fizermos o mesmo, os políticos vão-nos culpar por as consequências que poderão advir (com o objetivo da população ficar do lado deles e se virar contra nós).

Mas pergunto eu -”A culpa não será dos nossos políticos por deixarem a situação chegar ao ponto em que está? A culpa não será deles por não resolverem a nossa situação?”-

O que quero dizer com isto tudo, e resumindo numa expressão, é “tática da vitimização”.

Vitimização é algo que faz parte do meu quotidiano, tal como faz parte do vosso e a mim não me mete medo (tal como disse anteriormente estamos sempre mal, façamos o que façamos, e somos sempre os culpados de tudo e por tudo).

O cenário foi muito bem montado, tenho de admitir. Além das penas aplicadas aos polícias serem absurdamente disparees face ao cidadão comum (basta comparar, numa mesma situação, a pena aplicada a um e a pena aplicada a outro...), conseguiram instalar este clima de medo e terror que paira sobre nós: não se pode “sair da linha”, se não estamos tramados (e bem tramados). Internamente vivemos como se existisse a PIDE (controlados e censurados quase como se fossemos uns criminosos). Eu não tenho medo e espero que vocês também não tenham. Como diz o outro “Bater não batem, ralhar não dói...”. Estaremos juntos e unidos para o que der e vier!

E infelizmente chegamos a este ponto. Com a importância que os nossos políticos nos deram, dão e darão (que é nenhuma), se não fizermos algo que realmente mostre a importância que realmente temos na sociedade e o quanto temos vindo a ser postos de lado, vamos continuar na situação que nos encontramos atualmente: **muito mal pagos, cada vez com mais competências (“paus mandados” para fazer tudo e mais alguma coisa) e o “bode expiatório” de todas as situações que envolvem a nossa ação**.

VIGÍLIA

Com o último tratamento salarial desigual do qual fomos alvo, é nítido a indiferença que os nossos políticos têm por nós e é hora de meter um ponto final nisto, basta de desigualdade de tratamento.

CONVIDO TODOS OS COLEGAS E CAMARADAS DAS FORÇAS DE SEGURANÇA A JUNTAREM-SE A MIM.

Sendo assim, vou estar em frente à Assembleia da República, calado e apático, sem fazer rigorosamente nada. Apenas vou ter um saco do lixo onde irei colocar dentro deste a insígnia da minha instituição (e as vossas insígnias), saco esse pronto a entregar aos nossos políticos para que eles vejam e sintam a nossa insatisfação.

Irei também apresentar um documento (DOC_PSP_GNR_CGP), com todas as propostas que acho justas para nós (irei disponibilizar o ficheiro DOC_PSP_GNR_CGP_explicação para que o analisem. Peço que tenham bom senso ao analisar o documento, não acho justo o vencimento que recebemos atualmente, tal como não acho justo recebermos 5000€, temos de ser razoáveis). E como é óbvio estou aberto a ouvir outras propostas ou pontos de vista (ainda tenho a proposta em formato Word, passível de ser alterada).

Eu não irei aparecer ao serviço (apenas vou faltar injustificadamente ao serviço). Irei estar 24 horas, **sem data/hora de terminus**, em frente à Assembleia da República, até ver o nosso problema resolvido. Pretendo que os colegas e camaradas, ao invés de se apresentarem ao serviço nas esquadras/postos/estabelecimentos prisionais, **apresentem-se na Assembleia da República, à civil**, permaneçam durante as 8 horas de serviço em que estão escalados, sejam rendidos no local, e se desloquem para juntos dos seus, para que no próximo dia “entrem novamente de serviço” na Assembleia da República (se quiserem permanecer comigo durante as 24 horas fico contente, agradeço e são muito bem vindos).

Importante ressaltar que **o objetivo não é “ocupar” estradas, passeios ou edifícios**, mas sim marcar presença e fazer ver a quem manda que **estamos lá como um todo e unidos e que é hora de começarem a valorizar o nosso trabalho**.

Esta vigília terá de ser continua (até o nosso problema ser resolvido) e não pontual, pois os nossos políticos têm a memória curta (basta ver o que acontece nos protestos/manifestações/greves atuais de todos os setores: no dia estão todos sensibilizados com a revindicação, no dia seguinte já nem se lembram e nem querem saber).

Aos colegas e camaradas fora do Comando de Lisboa, convido-vos a juntarem-se a nós. Sei que não é fácil terem de se deslocar até aqui, mas para um futuro mais digno valerá a pena. Quem não conseguir se deslocar, seja por que motivo for, façam o mesmo em frente à Câmara Municipal ou Junta de Freguesia da localidade em que prestam serviço.

Peço a todos que, impreterivelmente, durante as “vigílias” não ajam nem reajam, é apenas estar lá, fazer corpo presente (modo cabide/cruzeta). Não transformem a nossa luta numa luta política ou sindical, ou façam algo que seja motivo para que nos possam apontar o dedo. Ao contrário de “muita coisa” que se vê por aí nos dias de hoje, somos civilizados e vamos demonstrar mais uma vez que o somos.

Nós não precisamos de fazer para acontecer, não precisamos de gritar, bater ou partir, muito pelo contrário. Apenas o nosso silêncio e apatia é o suficiente para que nos ouçam. Juntos e unidos não nos podem fazer nada.

**Pelo menos uma vez, pensem primeiro em vocês, nas
vossas famílias e nos vossos colegas/camaradas!
Sozinho não irei fazer ouvir a nossa voz, mas juntos, o
nosso silêncio irá finalmente ser ouvido!**

Os 3 documentos que escrevi (“1 - Carta aberta”, “2 - DOC_PSP_GNR_CGP_explicação” e “3 - DOC_PSP_GNR_CGP”) foram elaborados desde o dia 06/12/2023 até ao dia 13/12/2023. Decidi deixar passar a época festiva (por motivos óbvios), bem como as negociações entre o nosso Governo e os Sindicatos da PSP e GNR. Se estiverem a ler estes 3 documentos é porque considero essas melhorias de vencimento propostas insuficientes ou vergonhosas ou essas tais melhorias tardaram em serem reveladas. E, tal como referi anteriormente, cabe a nós lutarmos por nós e por o que é justo e digno para nós!

Queria deixar uma mensagem para todos os que leram o que escrevi.

Nesta altura sei o que estão a pensar: “-Está louco!-”, “-Mesmo que tenha razão não é assim que se resolvem as coisas...-”, “-Vai-se lixar com isto...-”, “-Não sei quem pensa que é, deve ter a mania que é o Gandhi da policia...-”, e eu aceito estes e outros pensamentos que possam ter ou vir a ter sobre mim ou sobre esta vigília.

Eu não sou melhor que ninguém, sou apenas eu.

Também não quero ser um mártir ou que me vejam como tal.

Apenas não me conformo com algumas coisas que se passam dentro do mundo “polícia”, e uma delas é o assunto “Vencimentos”.

Se me perguntarem se esta é a forma correta de lutar pelos nossos direitos, eu diria que não, claro que não.

Mas pensem um pouco... onde é que a forma correta de luta nos levou?

Cada um terá a sua opinião, mas eu digo-vos qual é a minha: a lado nenhum.

E porquê? A culpa não é só dos sindicatos (já escrevi o que penso dos sindicatos na PSP...).

Por mais que os sindicatos falem dos problemas, exijam explicações aos políticos, apresentem propostas ou marquem manifestações, existem duas grandes razões para que a forma correta de luta dos policias não leve a lado nenhum:

- o total desprezo por parte dos nossos políticos face a nós;
- o “caminho muito estreito e cheio de obstáculos” que construíram e que não leva a lugar algum, que nós policia e policias (seja através de sindicatos ou a nível pessoal) temos para percorrer e fazer valer as nossas reivindicações.

Falando de coração e sendo o mais sincero possível, se ninguém aparecer a esta vigília e eu ficar sozinho em frente a Assembleia da Republica (tipo um louco), não ficarei chateado, magoado, com raiva ou com outro sentimento negativo sobre nenhum de vocês.

Sempre respeitei e sempre respeitarei as opiniões e escolhas de cada um.

Mas, e deixando aqui a minha ultima opinião, se não fizermos nada “fora da caixa”, continuaremos a ser desprezados pelos nossos políticos.

É hora de finalmente fazer ver que não somos lixo, uma despesa ou apenas um numero, somos pessoas.

E por ultimo, vou-vos pedir uma coisa, apenas quero que pensem no seguinte: “Vou continuar a minha vida policial toda a receber um vencimento indigno e injusto, a ser um escravo dos remunerados para poder viver, e a reivindicar algo, de uma forma, que os políticos não querem resolver nem querem saber? Ou pelo menos, nem que seja uma única vez na minha vida policial, vou arriscar, vou juntar-me àquele “louco” e vou finalmente mostrar a quem de direito o meu descontentamento face ao vencimento que recebo?”

Só vos peço que respondam para vocês mesmos e decidam o que fazer consoante essa resposta.

Notas pessoais:

-Não me pretendo esconder atrás de algo ou alguém, muito pelo contrario: irei assumir na integra, todas as consequências que terei sobre as minhas faltas injustificadas e por esta iniciativa.

-Não sou formado em Língua Portuguesa ou Matemática (poderão existir erros de ortografia ou acentuação no que escrevi, bem como algum erro em alguma conta que consta no DOC_PSP_GNR_CGP).

- Não sou formado em Direito, nem sequer sou um especialista, mas peço que analisem o artº57 da Republica Portuguesa, a definição de vigília e por fim o estatuto de cada instituição no que toca a faltas injustificadas (que no meu caso irá se aplicar o artigo 17º nº2 da Lei n.º 37/2019, de 30 de Maio). Após isso reflitam...;

- Não sou simpatizante de qualquer partido político, e volto a pedir incansavelmente que não transformem esta luta numa luta política;

- Como é óbvio, todos os elementos policiais que pertencem aos sindicatos são uma parte importante desta vigília, não como representantes dos mesmos, mas sim como policias que enfrentam os problemas que citei, ponham as vossas diferenças de lado e por uma única vez que seja lutemos todos juntos e unidos pelo mesmo objetivo: **OS POLÍCIAS.**

(Leiam de seguida o “2 – DOC_PSP_GNR_CGP_explicação”)

Pedro Costa